

Latinidade e Germanismo

*Não ha duvida que a Natureza dispôs
no mundo um logar proprio para exercer
um imperio universal ; e este logar é Roma.*

DANTE.

II

Individualismo e panteismo

— Apresentar como profundamente *individualista* um povo que dá constantes provas, materiais e morais, da mais completa disciplina, da mais perfeita subordinação do *parcial* ao *total*, não será falsear a verdade ou, pelo menos, exagerar as proporções e o sentido das coisas ?

— Não. Os admiradores da «ordem» alemã e da disciplina militarista germanica não têm razão. O individualismo teutonico é classico. Já Tiberio aconselhava os seus compatriotas a que abandonassem os germanos ás suas dissensões internas. Goethe afirmou, mais tarde, que os germanos foram os primeiros a trazer ao mundo a ideia da liberdade pessoal. Mas, se Tiberio era romano, Goethe era alemão, embora penetrado de espirito latino. Cada um deles tem do individualismo, pois, uma concepção diferente: para o primeiro, individualismo é sinal de anarquia e da manifesta inferioridade germanica em face dos povos organizados, como os latinos; para o segundo, é um titulo de gloria, uma qualidade que concede aos que a possuem um logar de destaque na civilização europeia.

Todos os verdadeiros alemães, de resto, assim pensam. Todos eles encontram no individualismo, em todos os seus aspectos, uma característica perfeitamente germanica. «A autonomia do querer é o principio superior da moralidade», diz Kant. Eis o individualismo no seu aspecto moral, o «imperativo categorico» da moral laica. O Direito é definido por Chamberlain (pag. 1.000 da *Genése do XIX^e sié-*

ele) como «*l'arbitraire substitué à l'instinct dans les rapports entre les hommes*». Eis o individualismo no seu aspecto politico-social, a sobreposição do instincto, puramente individual e arbitrario, á regra estabelecida para lei comum. Schiller afirmava : «*former une nation, ó allemands, vous l'espereriez en vain : profitez-en pour devenir d'autant plus parfaitement des hommes ; l'intérêt patriotique n'a de valeur que pour la jeunesse du monde*». Que outra significação podem ter estas palavras se não a de afirmar o individualismo ingenito dos alemães? Nessa feroz apologia do germanismo que é a GENÉSE DU XIX SIÈCLE (pag. 686), Chamberlain afirma que «a liberdade não é uma coisa abstracta que cada homem, unicamente pelo seu titulo de homem, possa reivindicar»; não : «manifestamente, não ha direito á liberdade que não seja fundado sobre uma aptidão para a liberdade; e esta aptidão, por seu turno, presuppõe uma força fisica e uma força intellectual que os alemães (é claro !) possuem em maior quantidade que os povos latinos...» O grande valor da Reforma, para o mesmo pangermanista, consiste precisamente no seu duplo principio nacional-religioso, que representa «uma instinctiva insurreição slavo-celta-germanica contra Roma». Por isso Luthero foi apelidado por Fichte o *homem alemão* por excelencia,—o homem que representa no mundo contemporaneo, conforme o estudo de Jacques Maritain, *l'avènement du moi*, quer dizer, o dominio da anarquia.

Se a Alemanha tem uma só expressão geografica e uma só expressão linguistica, quantos Estados, quantas instituições, quantas tradições diferentes e diferentes interesses não vivem sobre o mesmo solo e se exprimem na mesma lingua? Em 1600, a Alemanha contava mais de 600 côrtes, — reis, duques, margraves, bispos, condes, principes. Só num dos dez circulos do Imperio, havia noventa e sete soberanos. No fim do seculo XVIII o Imperio contava oito Eleitores, cento e trinta e quatro principes, cento e dois condes, cincoenta e uma cidades livres, aproximadamente mil e quinhentos cavaleiros e mil oitocentos e quinze soberanos, entre grandes e pequenos, todos livres e senhores nos seus dominios! Por varias vezes, no decurso do

tempo, — na Idade Media, na Renascença e modernamente — a ideia da unificação da Alemanha se apresentou á Europa — e sempre como um perigo para a sua segurança e tranquilidade. Carlos Magno, recordando-se de Roma, sonhou o «Santo Imperio romano de nação germanica»; Frederico Barba-rôxa e os seus sucessores nos seculos XII e XIII pretenderam tambem fundar a unidade alemã, para em seguida dominarem a Europa. A constituição social da Alemanha, porém, opunha-se naturalmente a todas essas tentativas de unificação : como mais tarde Frederico II a definiria, a Alemanha era apenas «uma nobre república de principes». Essa «Republica de principes», onde o poder imperial era electivo, já institucionalmente desfeita pelos excessos do feudalismo e do comunismo, tinha ainda a conspirar contra todas as tentativas feitas para unificar o seu governo, as rivalidades, as competições, os conflitos, os ciumes dos principes eleitores. No interior nenhum dos pequenos estados queria a unificação alemã. No exterior, quer a França, quer a Santa-Sé opunham-se tambem á constituição dum poder forte que dominasse todos os particularismos da Alemanha e aniquilasse, assim, os fermentos de desordem e dissociação que garantiam o sossêgo da Europa. Em vão os Hohenstaufen procuraram reagir contra o mal da monarquia electiva, tornando hereditaria a transmissão do poder, como na monarquia capetiana : mais felizes foram, porém, os Hohenzollern, que conseguiram roubar á França esse privilegio, deixando em seu logar o governo democratico com todas as desordens correlativas que a levaram á decadencia politica.

Constitucionalmente individualistas, os germanos haviam de gerar uma nação feudalista. Feudal e comunal a nação, individualistas os seus principes e barões, não admira que por varias vezes no decurso da historia a ideia da unidade germanica, da sua unificação á volta duma casa mais forte, apparecesse na mente dalguns senhores feudaes. Essa unidade, porém, só poderia ser realisada de fóra para dentro : só fazendo da França o inimigo, não da Alemanha, mas das pequenas Alemanhas e das suas liberdades particulares, constituindo-a em perigo nacional, se conseguiria unir á volta da Prussia todos os pequenos Estados e ci-

dades livres da Germania. E assim fez Bismarck... «Eu estava convencido, diz o *chanceler de ferro*, de que o abismo cavado entre o norte e o sul da patria só podia ser felizmente transposto por uma guerra nacional contra o povo visinho». Quebrada a tradição francesa e instauram-se em seu lugar os maus principios da Democracia, perdeu-se toda a obra diplomatica duma cadeia de reis, garantia da tranquillidade e da segurança da França. Enquanto a corôa alemã foi electiva, «os principes ecclesiasticos, as oligarquias mercantis, as cidades livres, as democracias rurais, todas as peças infinitamente diversas, enfim, do mosaico alemão, procuravam conservar uma liberdade preciosa,» escreve Bainville; e as eleições tomavam então, como hoje por toda parte, mas sobretudo, sobretudo na America, um caracter de baixo commercio: os Eleitores traficavam vergonhosamente com o seu voto, para alcançarem qualquer beneficio moral ou material; e os que não tinham voto na escolha do Imperador conspiravam pelo eleitorado, mantendo assim os seus privilégios e as suas liberdades. Quando a Reforma veio dividir a Alemanha em Alemanha catolica e Alemanha protestante, a monarquia francesa apressou-se em negociar com os principes protestantes, aliando-se com eles contra o Imperador e mantendo a Alemanha, com essa aliança, no seu estado moral de mosaico e de «republica de principes». Pelo contrario, a republica francesa respeitou sempre, ontem como ainda hoje, a unidade alemã; fez dela um dogma da religião dos Imortaes-Principios. Por isso se chama á terceira republica, simplesmente, a republica de Bismarck...

Se o individualismo é caracteristicamente alemão, o *panteísmo* não o é menos. Sirva-nos desde já de prova, enquanto outras não chegam, a afirmação hegeliana de que «tudo quanto é real é racional»... Daqui a dizer que «tudo quanto existe é divino», a distancia não é grande. Para os panteístas, o universo é uma emanação de Deus: logicamente, pois, as coisas e os seres que constituem o universo, tem a sua parte respectiva de divindade. Não falando já do disparate que vem a ser a existencia simultanea do increado no creado, do improduzido no produzido, da

causa no efeito e do efeito na causa, temos ainda de admitir que o homem e a coisa — o ser pensante e o ser bruto — se equivalem *essencialmente* e que, se o homem pode atribuir a si proprio uma liberdade total e uma total perfeição, por se considerar uma parcela de Deus, o mesmo direito incôntestavel possui qualquer outra parcela do universo, sêr ou coisa, não importa.

«O germano, dizia Schmid em 1910, não é de forma nenhuma o producto duma evolução natural: saiu duma nova revelação espontanea do Espirito universal na alma dos povos germanicos». Eis o espirito panteista aplicado a uma raça. Como legitimo corolario duma tal afirmação, Chamberlain crê, «como em Deus, na santa lingua alemã», e afirma que «o mais imperioso dos deveres é que ela seja imposta ao universo, declarada universal, e tratado como um paria todo aquele que a não falar»... E' selvagem, mas é logico — duma logica de selvagem. Chamberlain é coerente consigo proprio e com a raça de que se fez apostolo: quem afirma que a civilização latina não é digna de desatar os sapatos do germanicos, pode tambem afirmar a santidade da lingua alemã, sem ofender a logica.

«O panteismo, segundo Heine, é o segredo publico da Alemanha». O alemão considera-se *primitivo* mais proximo da natureza e, *portanto*, pela logica germanica, mais *puro* do que qualquer outro povo; para ele, pois, povo *primitivo* é povo *eleito*, povo *eterno* — com exclusão de todas as outras raças e de todos os outros povos. A sua lingua é, por isso, naturalmente, a lingua pura, a lingua mãe, unica capaz de traduzir a melhor floração e os melhores segredos do homem, a unica que naturalmente se nega a mentir: «a lingua alemã, dizia Herder, só se presta naturalmente á expressão do verdadeiro; se quizerem fazer-la dizer outra coisa, recusar-se-ha, ou di-la-ha mal». Pelos mesmos motivos, «a filosofia realmente alemã, quer dizer, *primitiva*, parte duma vida pura, divina, completa, que se manifesta e se expande ao infinito». Ora, que um povo mais novo, e vivendo mais proximo da natureza, do que qualquer outro que viva mais afastado da natureza, seja por isso mais puro, mais *primitivo* de instintos, está bem; mas que esse povo primitivo seja superior, precisa-

mente por ser *primitivo*, eis o que já não está certo. A pureza nativa dos instintos não é sinal de superioridade, um sinal de *mais*: é um sinal de inferioridade, um sinal de *menos*. Os povos são tanto mais barbaros quanto mais primitivos; e quanto mais primitivos, quer dizer, quanto mais barbaros, maior é a sua sensibilidade e menor a sua intelligencia, maior o seu instinto e menor a sua reflexão. Só assim o não entende a cegueira pangermanista.

A crença de Rousseau na *bondade natural* do homem é uma manifestação desse espirito panteísta: a sua idea fundamental, no tocante ao individuo, que é bom e puro enquanto não perde o contacto com a natureza, prevertendo-se logo que esse contacto se quebra, é a mesma ideia que faz do povo alemão um povo puro e perfeito, na razão directa da sua natureza de primitivo. A crença no *Progresso indefinido* é outra manifestação do mesmo espirito panteísta. A ideia duma providencia panteísta, que, pelo proprio desenvolvimento do sua natureza, conduz a humanidade, *d'étape* em *étape*, a um estado supremo de perfeição, diz Pierre Laserre, é uma nuvem vinda da Germania. Não se compreende bem porque, sendo o universo, segundo os panteístas, uma *emanação* e nunca uma *creação* divina, seja necessario uma *evolução* das coisas, para que atinjam a perfeição: se o universo é o proprio Deus, ou a sua essencia, e se o universo caminha do imperfeito para o perfeito, é porque Deus singra na mesma rota, nasceu imperfeito e vai-se aperfeiçoando sucessivamente, por *étapes* — o que é simplesmente absurdo. Depois, atendamos ainda a uma outra questão: as sucessivas mudanças que as coisas sofrem, os estados sucessivos por que podem passar, não significam necessariamente aperfeiçoamento. E' da propria natureza que as coisas perfectiveis, precisamente porque são perfectiveis, sejam tambem corruptiveis. Chamberlain diz, e com razão, a pag. 973 do seu livro atrás citado, que «a adaptação a certas condições não é mais do que um fenomeno de equilibrio, e a pretendida evolução das formas mais simples para as mais complexas, tanto pode passar por uma decadencia como por um progresso». Pela mesma razão, não ha fatalidade alguma no progresso das sciencias: dependendo os metodos scientificos, funda-

mentalmente, da intelligencia dos homens que á sciencia se consagram, e sendo a actividade scientifica condicionada pela cultura geral da sociedade, pelos seus costumes e pelo seu governo, o decantado *progresso* scientifico tão depressa pode ser um verdadeiro progresso, com um estacionamento, como um retrocesso, consoante as condições da sociedade.

E' devido á sua natureza de *primitivo* que o germano é tão naturalmente panteísta. O seu espirito emaranha-se nas florestas e torna-se, com elas, confuso. Daí, o seu estado de *rêverie* permanente; daí, também, a confusão da sua metafisica. Este povo, que ama tanto, segundo o testemunho de Arndt, as suas florestas e os seus lagos, como as profundidades do sentimento e da intuição, não podia deixar de ser mystico, de procurar sempre o Absoluto no lugar do Relativo, e de censurar nos franceses, duma maneira geral nos latinos, a sua *frieza*, uma preocupação de forma, um sentido do relativo que, na opinião de Fichte, conduz á morte. Os franceses, á maneira dos gregos, concebendo o divino como *finito* são creadores, na arte como na sciencia; ao passo que a adoração germanica do infinito, e do divino no infinito, sendo profundamente panteísta, tem uma evidente correlação com a esterilidade do Oriente.

Assim se explica a clareza e o genio creador dos latinos, e a confusão e a deficiencia do genio creador dos germanos. Ao germanismo devem os latinos uma confusão intelectual e moral que descende em linha recta do espirito panteísta da Alemanha, e uma anarquia permanente, uma irritação individualista que vai directamente filiar-se no individualismo germanico.

Augusto da Costa.

A REVISTA PORTUGUESA publicará, no proximo numero, em editorial, um artigo de Luiz Vieira de Campos, sob o titulo "O Burro de Buridan".

A REVISTA PORTUGUESA recommençará, no mesmo numero, a publicação dos artigos de critica literaria de Rocha Junior.